

Alice  
Kellen



Nós dois  
na  
Lua

Uma noite em Paris.  
Dois destinos que se entrelaçam.  
Um amor para a vida inteira.

 essência



Alice  
Kellen

Nós dois  
na  
Lua

**Uma noite em Paris.  
Dois destinos que se entrelaçam.  
Um amor para a vida inteira.**

*Tradução*  
Eliane Leal

 **essência**

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Alice Kellen, 2020

Autora representada pela Editabundo Agencia Literaria, S. L.

© Editorial Planeta, S. A., 2020

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Eliane Leal

Todos os direitos reservados.

Título original: *Nosotros en la luna*

Citações de *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry – edição online disponível na Rede de Bibliotecas SESI-RS

*Preparação:* Mariana Muzzi

*Revisão:* Mariana Rimoli e Bárbara Parente

*Projeto gráfico e diagramação:* Márcia Matos

*Ilustração de capa:* Lookatcia

*Adaptação de capa:* Beatriz Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Kellen, Alice

Nós dois na lua / Alice Kellen; tradução de Eliane Leal. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

384 p.

ISBN 978-85-422-1939-5

Título original: *Nosotros en la luna*

1. Ficção espanhola I. Título II. Leal, Eliane

22-5136

CDD 860

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção espanhola

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



essência

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

PRIMEIRA PARTE

# ENCONTRO. AMIZADE. ACASO



essência

*No começo, antes de crescer,  
os baobás são pequenos.*

O Pequeno Príncipe

# 1. GINGER

É impossível saber quando você vai conhecer aquela pessoa que de repente vai virar seu mundo de cabeça para baixo. Simplesmente acontece. É um piscar de olhos. Uma bolha de sabão estourando. Um fósforo se acendendo. Ao longo de nossas vidas cruzamos com milhares de pessoas; no supermercado, no ônibus, em uma lanchonete ou no meio da rua. E talvez essa pessoa que está destinada a te sacudir pare ao seu lado em uma faixa de pedestres ou pegue a última caixa de cereais da prateleira de cima enquanto você está fazendo compras. Pode ser que você nem chegue a conhecê-la ou talvez nunca se falem. Ou talvez sim. Pode ser que vocês se olhem, se esbarrem, se conectem. É tão imprevisível; acho que aí está a magia. E, no meu caso, aconteceu em uma noite gelada de inverno, em Paris, quando eu estava tentando comprar um bilhete de metrô.

— Por que você não funciona? — resmunguei na frente da máquina. Apertei o botão com tanta força que machuquei o dedo. — Que porcaria inútil!

— Você está tentando assassinar a máquina?

Virei ao escutar uma voz que falava o meu idioma.

E então eu o vi. Não sei. Não sei o que senti naquele momento. Não lembro exatamente, mas memorizei três coisas: que a gola da jaqueta dele estava virada para cima, que ele tinha cheiro de chiclete de menta e que seus olhos eram cinza-azulados como o céu de Londres em um daqueles amanheceres nublados, quando o sol tenta aparecer sem muito sucesso.

E pronto. Isso foi tudo. Não precisou mais nada para eu sentir um frio na barriga.

— Quem me dera, mas por enquanto ela está ganhando. Não funciona.

— Antes você tem que selecionar o tipo de passagem.

— Onde... onde eu faço isso?

— Na tela inicial. Espera.

Ele se moveu e ficou ao meu lado. Apertou os botões para retornar ao menu principal e então me olhou. E foi intenso. Ou pelo menos eu senti que foi. Como quando alguém te deixa curioso sem que você saiba o porquê. Ou quando um calafrio inesperado te desperta.

— Aonde você quer ir? — perguntou.

— Hummm... bom, na verdade... — Nervosa, coloquei atrás da orelha

uma mecha de cabelo que tinha escapado do rabo de cavalo. — Para o centro?

— Você está em dúvida?

— Sim! Não! Ou melhor, não tenho hospedagem esta noite e estava pensando, sei lá, em aproveitar para conhecer um pouco a cidade. Que região você me recomenda?

Ele apoiou um braço na máquina e ergueu as sobrancelhas.

— Você não tem hospedagem? — perguntou, interessado.

— Não. Peguei o primeiro voo que estava saindo.

— Assim na loucura?

— Sim, isso mesmo. É isso.

— E está viajando sozinha...

— Qual é o problema?

— Nenhum. Eu também faço isso.

— Ótimo, parabéns. E sobre o bilhete...

— Qual o seu nome? — perguntou.

— Ginger. E o seu?

— Rhys.

Ele tinha sotaque americano. E era tão alto que me fazia sentir pequena na frente dele. Mas ele tinha “algo”. Aquele “algo” que às vezes não conseguimos explicar com palavras quando conhecemos alguém. Não era porque ele era bonito ou porque eu me sentia perdida naquela cidade à qual havia acabado de chegar. Era porque eu podia ler coisas nele. Ainda não tinha certeza se essas coisas eram boas ou ruins, mas, olhando para ele, a última palavra que me vinha à mente era “vazio”, o que, ironia da vida, eu descobriria mais tarde que era uma das coisas que Rhys mais temia. Mas naquele instante eu ainda não sabia. Então continuávamos sendo dois estranhos olhando um para o outro na frente de uma máquina de bilhetes do metrô.

— Alguma sugestão? — insisti.

Notei que ele ficou em dúvida, mas não desviou o olhar.

— Uma. Eu poderia mostrar Paris para você.

— Certo, mas antes que isso vire uma situação contrangedora, tenho que te contar que acabei de terminar com meu namorado. E foi um relacionamento longo, por isso não estou interessada em conhecer ninguém, muito menos ter um desses casos de uma noite...

Quem me dera se alguém tivesse me dito o quão idiota eu estava sendo naquele momento.

— Te propus um *tour* pela cidade, não pela minha cama.

Ele cruzou os braços com um sorriso debochado. Corei como se tivesse quinze anos.

— Sim, claro, mas, se por acaso...

— Que cautelosa.

— Eu sou. Pelo menos tento ser. Bom, na verdade, neste momento não estou sendo nada cautelosa, mas estou me esforçando para organizar... organizar a minha vida.

Rhys não parecia assustado com a maluquice daquele momento. Esse deveria ter sido o primeiro sinal. Eu poderia ter percebido naquele minuto que ele era diferente. Aquele foi o momento decisivo, enquanto eu falava sem parar, que era algo que eu costumava fazer quando ficava nervosa, e ele apenas se limitava a ouvir, sorrir e concordar com a cabeça.

— Agora está tudo meio caótico, sabe? Esta situação. A minha vida. Pode ser que estar aqui, no meio de uma cidade desconhecida, seja quase um retrato de como eu estou me sentindo de verdade. Sinceramente, não sei por que você ainda não se mandou.

— Eu gosto de pessoas que falam muito.

— Para compensar o seu silêncio?

— Talvez. Não tinha pensado nisso.

Era mentira. Mais tarde eu descobriria que Rhys era bom de conversa, desses que sempre faziam perguntas que os outros nem cogitavam, desses que podiam passar noites em claro falando de qualquer bobagem sem nunca se entediar.

— A questão é que meu voo de volta sai pela manhã.

Ele me olhou com interesse por alguns segundos, um pouco tenso.

— Você quer esse passeio ou não, Ginger?

Lembro que naquele momento eu só conseguia pensar: *Por que ele fala o meu nome assim? Por que ele pronuncia como se já tivesse feito isso muitas vezes antes?* Fiquei igualmente assustada e satisfeita. Minto. O segundo ganhou. Porque ele falou quase com delicadeza e eu nunca tinha gostado do meu nome antes, porque se chamar “gingibre”<sup>1</sup> não é algo muito místico ou romântico, mas dito por Rhys soava diferente. Soava melhor.

— Você é um desconhecido — pontuei.

— Todos somos desconhecidos até nos conhecermos.

---

<sup>1</sup> *Ginger*: gengibre, em inglês. (N. T.)



— Sim, mas... — Lambi os lábios, nervosa.

— Tudo bem, como quiser. — Deu de ombros.

Depois me desejou boa viagem quase falando para dentro da gola de sua jaqueta, deu meia-volta e seguiu em direção ao túnel do metrô que dava para a saída.

Avaliei minha situação. Estava perdida em Paris porque tinha acabado de terminar com meu namorado, e parecia um ato muito rebelde e louco comprar as primeiras passagens que tinha encontrado, mesmo que fosse para uma viagem de ida e volta de apenas algumas horas, sem hospedagem e com apenas uma mochila nas costas com algumas calcinhas, algumas meias e umas bolachinhas salgadas (sério). Mas a verdade era que eu não sabia para onde ir. E que não podia ignorar o leve frio na barriga que tinha sentido ao ouvir a voz dele pela primeira vez.

E sei lá. Foi um impulso. Uma fisgada.

— Espera! — falei. Ele parou. — Para onde vamos?

— Vamos? — Virou para mim de novo.

— Já sei que há um minuto disse que não te conhecia, mas acho que se você for embora agora... eu irei atrás de você. — Rhys ergueu uma sobrancelha me olhando espantado. — Quer dizer, sim, é isso. Porque eu não sei onde estou e não tenho crédito no celular por causa daquela droga de plano que a operadora me vendeu, e... tenho a sensação de que, se eu ficar sozinha, vou acabar comida por um urso ou o que quer que aconteça nas cidades e não na floresta quando a gente se perde. Você sabe o que eu quero dizer.

— Eu não sei do que você está falando. — Sorriu.

— Tá bom, então apenas... não me abandone.

— Tá bom, então apenas... deixe-se levar.

Concordei, decidida, enquanto ele ria. E fui atrás dele. Fui atrás dele sem pensar em mais nada depois de comprar os bilhetes, enquanto a gente se misturava entre as pessoas para entrar em algum vagão do primeiro metrô que passou.

Eu ainda não sabia que a minha vida ia mudar.

Que Rhys se tornaria um antes e um depois.

Que nossos caminhos se uniriam para sempre.



## 2. RHYS

O que eu estava fazendo? Eu não tinha a menor ideia.

Dez minutos antes eu havia saído do metrô pronto para ir para casa (se é que eu podia chamar algum lugar de “casa”), com a ideia de preparar um miojo e comer direto da panela enquanto via TV sem prestar atenção ou lia qualquer coisa com uma música de fundo.

Mas em vez disso eu estava lá, sentado em um vagão ao lado de uma garota que parecia mais perdida do que eu, algo difícil de imaginar, com nossas pernas se tocando, e ainda sem decidir em qual parada descer porque eu estava improvisando, como sempre.

— Eu fico nervosa por não saber aonde vamos.

— A gente desce daqui a duas paradas — decidi, sorrindo para ela.

Ela me deixava nervoso. De cima a baixo. Desde seus pés metidos naqueles All Star vermelhos até o cabelo castanho preso em um rabo de cavalo bagunçado. Talvez porque eu ainda não tivesse colocado nenhum rótulo nela. Ginger. Era assim que se chamava, repeti mentalmente. E era uma garota que estava totalmente em branco para mim. Acho que era porque ela parecia querer ter tudo sob controle, mas tinha entrado em um avião algumas horas antes sem pensar em nada. Qual era a lógica disso? Nenhuma. Muito menos o choque inesperado que senti quando a vi xingando na frente da máquina de bilhetes. Tão baixinha. Tão engraçadinha. Tão brava... Me lembrou um desses desenhos animados para crianças.

— De onde você é exatamente? — perguntei, porque era óbvio que ela era inglesa, mas pelo sotaque eu não sabia identificar de qual região. Ela tinha uma voz suave, quase sussurrante.

— De Londres. E você? Me deixa adivinhar.

— Tá bom... — Olhei para ela, zombando.

— Alabama? — Neguei. — Bem, você tem um sotaque do sul.

— Um pouco mais para cima.

— Tennessee.

— Isso. Daí mesmo.

— E o que você perdeu aqui em Paris?

— Eu não estou aqui indefinidamente.

— Como assim?

— Levanta, a gente vai descer aqui.



Levantei e ela me seguiu até a porta do metrô, que estava abrindo. Passamos pelas pessoas que iam e vinham de uma plataforma para a outra e saímos para a rua. Fazia um frio de rachar. Notei que Ginger abraçava a si mesma enquanto acelerávamos o passo com a esperança de entrar em algum lugar quente o quanto antes.

Ao longe se destacava a Torre Eiffel.

— Isso aí é o que eu estou achando que é?

Ela me olhou sorrindo. E, sei lá, era um sorriso tão lindo que dava vontade de emoldurar. Eu teria feito isso, se eu não odiasse fotografias. Mas Ginger era uma daquelas garotas que mereciam ser imortalizadas, e não porque ela fosse especialmente bonita ou marcante, mas pelo olhar, pela forma como ela curvava os lábios sem pensar, por causa daquela pequena contradição que se destacava dentro dela, embora eu ainda não a conhecesse.

— Sim. É um dos lugares mais típicos de Paris. Tá, eu sei, sou um fracasso como guia turístico, mas, em minha defesa, temos apenas algumas horas. E eu gostaria que você se lembrasse dessa imagem.

A imagem do rio Sena, à nossa esquerda, enquanto caminhávamos sob aquela noite sem estrelas e de lua cheia. Lembro que só pensava que já tinha valido a pena trocar o miojo apenas por aquele sorriso que ela tinha acabado de dar.

— É linda. Obrigada.

— Você jantou?

— Não. Acho que não como nada há uma eternidade. Esta manhã tomei um café, sim, mas depois aconteceu todo o drama ao meio-dia, e adeus à normalidade. Meu estômago travou. Estou fazendo aquela coisa de falar demais de novo, né?

— Sim, mas eu gosto.

Ela desviou o olhar por um segundo.

Estava com vergonha? Tímida? Não soube dizer.

— Então, vamos comer algo?

— Conheço um lugar aqui perto.

— Ótimo, porque estou morrendo de frio.

— Você deveria estar acostumada, sendo de Londres.

— Já ouviu falar de pessoas que nunca se acostumam com o frio? Pois bem, eu sou uma delas. Porque não importa o quanto eu me agasalhe, que use dois cachecóis e três pares de meias, eu continuo uma pedra de gelo. Quando a gente ia para a cama, Dean costumava...



Ficou calada de repente e sacudiu a cabeça.

— Dean é o cara com quem você acabou de terminar e você ia dizer que ele esquentava seus pés? — Não pude deixar de torcer o nariz. — Isso é nojento.

— O quê? Não! É super-romântico!

— Eu tenho nojo de pés. Não consigo tocar nem mesmo nos meus. E você tem um conceito um pouco estranho do que é super-romântico.

— Tudo bem, sabe de uma coisa? Eu não te conheço mesmo. — Começou a rir. Adorei a risada dela, tão doce, tão suave. — Então não vou levar muito em conta a sua opinião sobre o que é romântico e o que não é, sem falar que você parece o típico cara que... bem...

Parei de repente, embora já estivéssemos bem na frente do lugar que eu ia levá-la para jantar. Fiquei na frente dela, olhando para ela bem sério. Eu era quase duas cabeças mais alto que ela, então ela ergueu o queixo com orgulho. Gostei disso.

— Não vai terminar a frase?

— Talvez eu tenha me precipitado — hesitou.

— Sem dúvida. Faz quinze minutos desde que você me viu pela primeira vez, mas não importa, quero saber que impressão eu causei em você. Simples curiosidade. Não vou te censurar, prometo.

— Você parece ser daqueles que não dão a mínima para o que é romântico ou não. Daqueles que só têm casos de uma noite. Daqueles alérgicos a compromisso.

— Você está sendo redundante.

— Desculpa. Estava tentando ser sincera.

— Estou vendo.

Retomei o passo e atravessamos a rua. Assim que entramos no lugar, senti o cheiro de crepe que tinha acabado de sair. Soltei um francês mal falado para pedir dois crepes de queijo, atum e *champignon*. De relance, vi que ela tirava a mochila das costas e se sentava em uma mesa no canto, perto da janela.

— Ei, cerveja ou Coca-Cola? — perguntei.

— Não tem água?

— Sim. Água, então?

— Hummm, bem, melhor cerveja.

Balancei a cabeça quando percebi que aquela menina era um ponto de interrogação ambulante até para as coisas mais simples. Virei para o funcionário,

que parecia não querer esperar mais. Depois peguei a bandeja que ele deixou no balcão com as bebidas e os crepes e levei tudo para a mesa.

— Eu comeria um boi agora mesmo — ela disse, devorando com os olhos o jantar, ainda fumegante. E então ela me olhou. — De verdade, obrigada. Acho que ainda não te agradei, né? Porque, sinceramente, achei que seria uma boa ideia fazer uma loucura pelo menos uma vez na vida, pegar um avião sem pensar, sabe, esse tipo de coisa. Mas quando cheguei... fiquei apavorada. E eu teria passado a noite na estação de metrô com algum mendigo simpático que tivesse me dado um espaço, esperando até o dia amanhecer para pegar o voo para Londres e, caramba, eu não paro de falar. Diz alguma coisa.

— Cuidado, o crepe está pelando.

— Não. Eu quis dizer alguma coisa sobre você. Você já sabe muito sobre mim. Que terminei com meu namorado, que estou louca e que não sei comprar um bilhete de metrô.

— Certo, o que você quer saber? — Mordi meu crepe.

— Por exemplo, você não me respondeu o que falei antes.

— Não entendi.

— Entendeu sim. Você está mentindo. E mente mal. Ou melhor, você é daqueles que desvia o olhar quando mente. Eu curto isso. Pode ser útil. Vamos ver, você é um *stalker* ou um *serial killer* que fica procurando garotas em estações de metrô?

— Não. — Disfarcei um sorriso.

— Muito bem! Viu só? Você sustentou o olhar.

— Um grande alívio para você, imagino.

— E como! Tá bom, agora a outra coisa. Sobre você ser desses caras que só têm casos de uma noite e não fazer coisas super-românticas.

Olhei para ela sorrindo. Cacete! Na verdade, fazia tempo que eu não me divertia tanto. Quando tinha sido a última vez que cruzei com alguém que me fizesse perder a cabeça assim e me chamasse tanto a atenção? Principalmente considerando que ela não estava fazendo nada para conseguir isso, estava apenas sendo ela mesma e falando sem parar como uma maritaca com uma dose de cafeína.

— Coisas super-românticas como esfregação de pés?

— Eca! Esfregação de pés soa nojento!

Ela começou a rir de repente, tampando a boca com a mão.

— Pode ser que “esquentar os pés” soe melhor, mas é a mesma coisa, Ginger.